

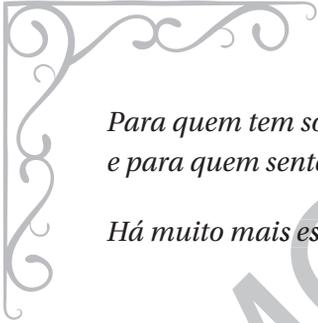
**ALLISON SAFT**

**UMA  
MAGIA  
FATAL**

Tradução de **NATHALIA MARQUES**



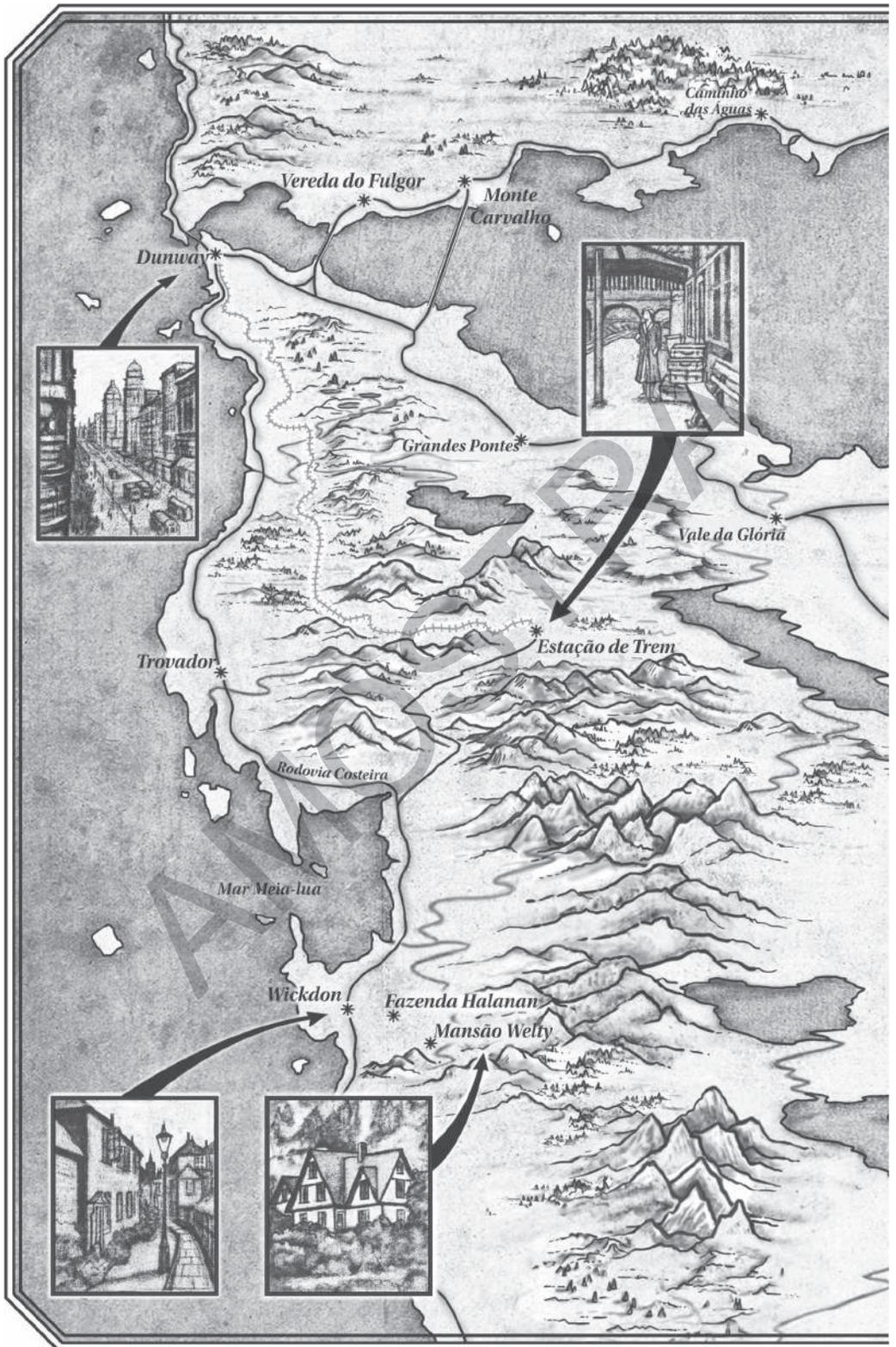
**ALTA BOOKS**  
GRUPO EDITORIAL  
Rio de Janeiro, 2023

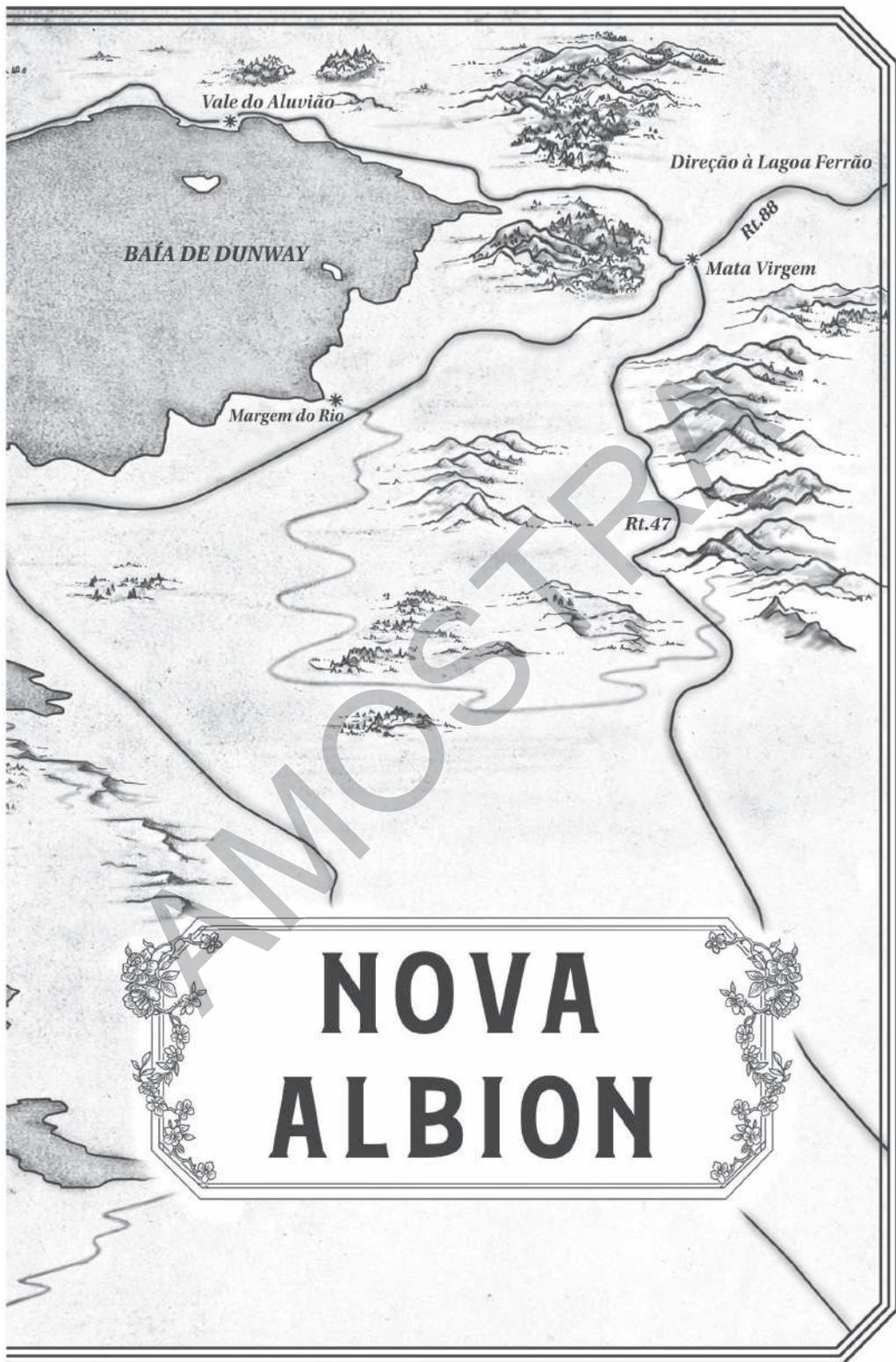


*Para quem tem sonhos impossíveis  
e para quem sente que sonhar é impossível.*

*Há muito mais esperando por você no horizonte.*

AMOSTRA





# NOVA ALBION



**M**argaret não deveria estar lá fora esta noite. Está frio demais para o meio do outono — o tipo de frio que pega até mesmo as árvores desprevenidas. Ainda ontem de manhã, as folhas do lado de fora de sua janela queimavam à luz do sol, vermelhas como sangue e douradas como mel. Agora, metade delas estava quebradiça e caiu como pedras, e tudo o que ela vê são as horas intermináveis de trabalho à sua frente. Um mar de coisas mortas.

Esse é exatamente o tipo de pensamento pelo qual a Sra. Wreford a repreenderia. Margaret quase pode ouvi-la agora: *só se tem 17 anos uma vez, Maggie. Há maneiras muito melhores de utilizá-los do que mantendo aquela maldita casa, acredite.*

O fato é que nem todos podem se dar ao luxo de desperdiçar os 17 anos. Nem todo mundo *quer* ser como Jaime Harrington e seus amigos, pulando de penhascos para dar um mergulho e bebendo aguardente barata depois do trabalho. Margaret tem responsabilidades demais para bobagens como essas — e, mais importante, não tem nenhuma lenha. Desde que a lenha se esgotou há dois dias, o frio se acomodou na Mansão Welty. Ele espera por ela lá fora, na noite, e também lá dentro, olhando-a maliciosamente a partir de uma lareira cheia de cinzas brancas. Por mais que ela odeie cortar lenha, não tem muita opção. É congelar agora, ou congelar depois.

O fim do dia se aproxima, sangrando sobre as montanhas, pingando sua eviscerada luz vermelha no quintal. Quando o sol se puser completamente, ficará ainda mais frio. Sem dormir, ela estremeceu por horas na noite

passada, e agora tudo dói, como se ela tivesse sido dobrada em uma caixa de sapatos. Procrastinar em sua tarefa menos favorita não vale a pena se ela for se sentir assim novamente, amanhã.

*Congelar agora.*

Puxando o velho chapéu clochê de sua mãe sobre as orelhas, Margaret sai pela varanda e, por entre as folhas caídas, caminha com dificuldade até o quintal, onde a pilha de lenha estava acomodada ao lado de um carrinho de mão enferrujado. A água da chuva acumulada no recipiente estava levemente prateada com a geada precoce, refletindo um vislumbre do céu nebuloso do crepúsculo. Enquanto ela estende a mão para pegar uma tora da pilha, tem um vislumbre do próprio rosto. Sua aparência cansada reflete como ela se sente.

Margaret coloca a tora no cepo e pega o machado. Quando ela era jovem e rija, tinha que jogar todo o seu peso em cada machadada. Agora, deixar a lâmina cair é tão fácil quanto respirar. Ela assobia no ar e afunda na madeira com um estalo que espanta um par de corvos do poleiro. Ela ajusta a pegada e, então, solta um sibilo entre os dentes quando uma lasca é cravada em sua mão.

Ela inspeciona o sangue que escorre pela palma de sua mão antes de lambe-la ferida. O frio se instala no corte, e sua língua é inundada pelo gosto fastidioso de cobre. Sabe que deve lixar o cabo do machado antes que ele tire mais um pedaço dela, mas não há tempo. Nunca há tempo suficiente.

Normalmente ela teria se preparado melhor para o inverno, mas sua mãe havia partido três meses atrás, e as tarefas se acumularam. Há janelas para calafetar, telhas para substituir e peles para preparar. Seria muito mais fácil se ela aprendesse alquimia como a mãe sempre quis, mas não importa quão faminta ou desesperada ela fique, nunca chegará a esse ponto.

Para as pessoas, a alquimia é muitas coisas. Para o mais pragmático dos cientistas, é o processo de destilar a matéria em sua essência, um meio de compreender o mundo. Katharistas tementes a Deus afirmam que ela pode purificar qualquer coisa, até mesmo o ser humano. Mas Margaret sabe a verdade. A alquimia não é progresso nem salvação. É o fedor de enxofre que ela não consegue tirar do cabelo. É como malas feitas e portas trancadas. É sangue e tinta no assoalho.

Irá sobreviver sem ela até que sua mãe volte para casa — se voltar para casa. Margaret reprime esse pensamento tão rápido quanto ele surge. Evelyn viaja com frequência por causa de suas pesquisas e sempre retorna. Só está demorando um pouco mais do que o normal, só isso.

*Onde você está agora?*

Anos atrás, quando ela ainda tinha disposição para isso, subia no telhado e tentava imaginar que podia enxergar muitos quilômetros adiante, até os lugares fantásticos que separavam Evelyn dela. Mas, independentemente do quanto ela tentava, nada se materializava. Isto era tudo o que ela alguma vez já havia visto: a estrada de terra desgastada que descia a encosta da montanha; a cidade adormecida brilhando tão fraca quanto um vaga-lume à distância; e, além dos campos dourados de centeio e grama, o Mar Meia-lua que brilhava negro, como uma noite estrelada. O dom da imaginação não a agraciou, e a cidade de Wicklow é tudo o que conhece. Margaret não consegue imaginar um mundo além dela.

Em uma noite como esta, todos vão estar aconchegados uns aos outros, na tentativa de conter o frio, cozinhando sopa e separando pedaços de pão de centeio. A imagem a afeta um pouco. Estar sozinha combina muito bem com ela. É apenas a perspectiva sombria de batatas cozidas para o jantar que desperta a inveja. Seu estômago ronca no momento em que o vento suspira na sua nuca. As folhas que ainda vivem balançam no alto, sibilando como ondas no mar.

*Silêncio, elas parecem dizer. Escute.*

O ar fica terrível e assustadoramente inerte. Arrepios ondulam por seus braços. Dezesete anos nesta floresta, e a mata nunca a assustou antes. Mas, agora, a escuridão se acomoda espessa e errada em sua pele, como brilho de suor frio.

Um galho se quebra na linha das árvores, alto como um tiro. Margaret gira em direção ao som, machado erguido e dentes à mostra.

Mas é apenas Encrenca, seu cão de caça. Ele parece, ao mesmo tempo, majestoso e ridículo, com suas enormes orelhas erguidas e seu pelo brilhante como cobre. Margaret abaixa sua arma, a lâmina batendo contra a terra congelada. Ele deve ter escapado pela porta da frente quando ela não estava prestando atenção.

— O que você está fazendo aqui? — pergunta ela, sentindo-se tola.  
— Você me assustou.

Encrenca abana o rabo distraidamente, mas, ainda atento, encara a floresta, tremendo de concentração. Ele deve sentir isso também — o crepitar no ar como uma tempestade se formando. Ela anseia pelo peso de um rifle em sua mão, não de um machado.

— Deixe isso para lá, Encrenca.

O cão mal olha para ela. Margaret suspira exasperadamente, sua respiração soltando vapor no ar. Mas ela não pode competir com um cheiro. Uma

vez que ele capta um, não o larga por nada. Afinal, Encrenca é um cão de caça, mesmo que seja teimoso durante boa parte do tempo.

Então, ela percebe como ambos estão sem prática — e o quanto ela sente falta da emoção da caçada. A Sra. Wreford está certa, à sua maneira. Há mais na vida do que preservar esta mansão em ruínas, mais do que utilizar seu décimo sétimo ano para sobreviver. Mas o que a Sra. Wreford nunca entenderá é que ela não está mantendo a casa para si mesma; mas para Evelyn.

Antes de partir em uma viagem, ela sempre diz a mesma coisa: *assim que eu conseguir o que preciso para minha pesquisa, seremos uma família novamente*. Não há promessa mais doce no mundo. A família delas nunca mais será realmente completa, mas Margaret valoriza essas memórias de *antes* mais do que tudo. Antes de seu irmão morrer, de seu pai partir e da alquimia destruir toda a ternura de sua mãe. Ela as mantém perto de si como pedras de proteção, girando-as repetidamente em sua mente até que estejam suaves, calorosas e familiares.

Todas as semanas, os quatro iam a Wickdon fazer compras, e, sem falta, Margaret pedia à mãe que a carregasse para casa. Mesmo quando ela já estava velha demais para que isso fosse razoável, Evelyn a pegava no colo e dizia: *quem deixou você ficar tão grande, Srta. Maggie?*; e a beijava até que ela risse histericamente. O mundo ficava nebuloso e manchado com a fraca luz do sol enquanto cochilava nos braços de sua mãe. E, embora a caminhada para casa fosse de quase 10 quilômetros, Evelyn nunca se queixou e nunca a pôs no chão.

Assim que Evelyn terminar sua pesquisa, as coisas serão diferentes. Elas estarão juntas e serão felizes de novo. Isso é algo pelo qual vale a pena colocar sua vida em espera. Então ela levanta seu machado e parte a tora mais uma vez. Quando ela se abaixa para recolher os gravetos, um calafrio desce por seu colarinho.

*Olha lá, diz o vento. Olha.*

Lentamente, Margaret ergue o olhar para a floresta. Não há nada senão a escuridão para além do emaranhado de seus cabelos soprados pelo vento. Nada além do sussurro das folhas, cada vez mais alto.

E então ela vê.

A princípio, não é quase nada. Um fiapo flutuando como um barco à deriva pela vegetação rasteira. Apenas um truque de sua mente confusa. Então, um par de olhos redondos brilha sem piscar na escuridão. Em seguida, um focinho afilado, as sombras deslizando dele como água. Assim como a neblina que rasteja sobre o mar, uma raposa branca do tamanho de Encrenca espreita ao luar. Margaret nunca tinha visto uma raposa como esta, mas

ela sabe exatamente o que é. Um ser antigo, muito mais velho do que as sequoias que se elevam acima dela.

A Hala.

Toda criança em Wickdon é criada com lendas sobre a Hala, mas, na primeira vez que ela ouviu sobre uma fora de sua casa, percebeu que sua família era diferente. A Igreja Katharista retrata a Hala e os seus semelhantes — os demiurgos — como demônios. Mas seu pai lhe disse que nada que Deus fez poderia ser mau. Para os Yu'adir, a Hala é sagrada, portadora do conhecimento divino.

*Não vai te machucar se você mostrar respeito.* Margaret fica perfeitamente imóvel.

O olhar da Hala é de um branco sólido, sem pupilas, e ela sente o peso dele como uma lâmina na nuca. A mandíbula do animal se abre, um aviso que faz algo insignificante e animalesco dentro de Margaret gritar. Os arrepios de Encrenca aumentam, e um rosnado ressoa dele.

Se ele atacar, sua garganta será rasgada.

— Encrenca, não! — O desespero torna sua voz áspera o suficiente para quebrar o feitiço sobre ele. O cão se vira para ela, orelhas para cima, claramente perplexo.

E, antes que ela possa processar a situação, antes que possa até mesmo piscar, a raposa desaparece.

Margaret estremece enquanto solta a respiração. O vento ecoa ao seu redor conforme ela passeia pelas folhas com um som suave e quebradiço. Ela cambaleia até Encrenca, cai de joelhos à sua frente e joga os braços em volta de seu pescoço. Ele tem um cheiro nojento — o fedor característico de cachorro molhado —, mas está ileso, e isso é tudo o que importa. Seu coração bate no mesmo ritmo do dela, a coisa mais linda que ela já ouviu.

— Bom garoto — sussurra ela, odiando o nó em sua voz. — Me desculpe por gritar. Eu sinto muito mesmo.

O que *acabou de acontecer*? À medida que seus pensamentos clareiam, o alívio se transforma em uma única e terrível compreensão. Se aquela fera está aqui em Wickdon, a Caçada Meia-lua logo se seguirá.

Todo outono, a Hala emerge em algum lugar na floresta costeira. E lá permanece por cinco semanas, aterrorizando o território escolhido até desaparecer novamente, na manhã seguinte à Lua Fria. Ninguém sabe exatamente por que ela permanece, ou para onde ela vai, ou por que seu poder fica mais forte com a lua crescente, mas as pessoas mais ricas de Nova Albion fizeram de sua aparição um esporte nacional.

Turistas chegam para as semanas de fanfarra que antecedem a caçada. Caçadores se inscrevem ao lado de alquimistas, cada um deles na esperança de se tornar o herói que mata o último demiurgo vivo. E, na noite da Lua Fria, eles partem a cavalo, para perseguir a fera. Há poder alquímico nos círculos, e reza a lenda que um demiurgo só pode ser morto sob a luz de uma lua cheia. A antecipação torna a caçada ainda mais doce. Participantes e espectadores estão mais do que dispostos a pagar com sangue pela honra de caçar a Hala em seu auge. Quanto mais destrutiva a temporada, mais emocionante a caçada.

A caçada não chega a Wickdon há quase vinte anos, mas Margaret ouviu fragmentos de histórias contadas nas docas. O latido de cães enlouquecidos por sua magia, o estalar de tiros, o grito de cavalos rasgados, mas ainda vivos. Desde a sua infância, a caçada não passou de um mito encharcado de sangue. A missão dos verdadeiros heróis de Nova Albion, não de garotas do campo com pais Yu'adir. Nunca foi *real*. Mas agora ela está aqui.

Perto o suficiente para se inscrever. Perto o suficiente para vencer.

A ideia de desapontar seu pai a incomoda, mas o que ela lhe deve agora? Ser meio Yu'adir não implica que ela tenha algum tipo de parentesco com a Hala. Além disso, talvez matá-la por uma causa nobre seja a melhor maneira de demonstrar respeito por ela. Margaret não tem interesse em ouvir seu nome cantado em bares; ela nunca desejou o reconhecimento de ninguém além de sua mãe.

Quando ela fecha os olhos, uma imagem da silhueta de Evelyn contra o sol preenche a escuridão. De costas para a mansão, malas na mão, uma fita dourada no cabelo se desenrolando na brisa. Partindo. Sempre partindo.

Mas, se Margaret vencer, talvez seja o suficiente para fazê-la ficar.

O grande prêmio é dinheiro, glória e a carcaça da Hala. A maioria dos caçadores a trataria como um troféu, algo a ser empalhado e montado. Mas Evelyn precisa dela para sua pesquisa sobre a *magnum opus* alquímica. De acordo com sua mãe, místicos mortos há muito tempo teorizavam que, se o fogo alquímico incinerasse os ossos de um demiurgo, restaria a *prima materia* — a substância básica de toda a matéria. A partir desse éter divino, um alquimista poderia forjar a pedra filosofal, que concede a imortalidade e a capacidade de produzir matéria a partir do nada.

A Igreja Katharista considera qualquer tentativa de destilar a *prima materia* herética, então quase nenhum alquimista nova-albiano, exceto Evelyn, realiza pesquisas sobre isso. A criação da pedra é sua singular e solitária ambição. Ela passou anos caçando os poucos manuscritos que explicam como fazê-lo e, há três meses, deixou o país para buscar outra pista.

Mas agora a Hala — uma das últimas peças faltantes em sua pesquisa — está aqui.

Encrenca se desvencilha de seu abraço, interrompendo o fluxo de pensamento de Margaret.

— Ei, nem se atreva! — Ela o agarra pelas orelhas e beija o topo de sua cabeça. Ele se encolhe. Margaret não consegue deixar de sorrir. Atormená-lo é um de seus poucos prazeres na vida.

Encrenca sacode as orelhas com indignação quando ela finalmente o solta, então corre para fora de seu alcance. Ele fica lá, a cabeça erguida, a língua pendurada e uma orelha cor-de-rosa virada do avesso. Pela primeira vez em dias, ela ri. Ele a ama, apenas esconde bem, orgulhoso e dramático. Mas Margaret o ama abertamente, e muito mais do que qualquer outra coisa no mundo.

O pensamento clareia sua mente. Encrenca é um cão de caça brilhante, mas não é mais jovem. Arriscar sua segurança por uma ideia tola como participar da caçada não é algo que ela está disposta a fazer. Ela não tem tempo para se preparar, mal tem dinheiro suficiente para pagar a taxa de inscrição, e não tem conexões com nenhum alquimista em quem possa confiar, não que algum deles possa ser confiável. Apenas equipes de duas pessoas — um atirador e um alquimista — podem participar.

Além disso, ela conhece apenas uma maneira infalível de matar um demiurgo. A alquimia que requer... ela preferiria morrer a ver alguém tentar isso novamente.

Mesmo que houvesse outro método, não importaria. Se alguém descobrisse que uma garota Yu'adir entrou na caçada, fariam de sua vida um pesadelo. Ela só sobreviveu porque manteve a cabeça baixa. *É melhor assim*, pensa ela. Melhor acabar de vez com essa frágil esperança do que deixá-la definhando como um lobo em uma armadilha. No fundo, Margaret sabe como essa história termina. O que acontece com as pessoas que anseiam por coisas que estão além de seu alcance. Talvez, em outra vida, ela pudesse sonhar. Mas não nesta.

Perseguir aquela raposa não lhe trará nada além de ruína.





**W**es acorda com a dor aguda de sua testa batendo no vidro frio. Quando o táxi desvia de um buraco na estrada, o barulho do motor soa suspeitamente como uma risada. Ele xinga baixinho, esfregando a dor que cresce em seu crânio — e então, com a ponta da manga da camisa, enxuga cuidadosamente a baba acumulada no canto da boca.

Não é como se as ruas esburacadas da Quinta Ala estivessem bem conservadas, mas isso já beira o absurdo. Foi-lhe dito que, a partir da estação de trem, a viagem até Wickdon dura uma hora e meia. Nesse ritmo, ele se considerará sortudo se não sofrer uma concussão até chegar à porta de Evelyn Welty.

— Você está acordado aí atrás? — Hohn, seu motorista, sorri para Wes pelo retrovisor.

Hohn é um homem de meia-idade com um rosto gentil ressecado pelo frio e um bigode louro que forma uma espiral nas pontas. Custou a Wes quase tudo o que ele havia economizado para pagar a corrida. Se tudo correr como planejado, sua viagem de volta à cidade não acontecerá por um longo tempo.

— Sim — diz Wes, com alegria forçada. — Aqui é rústico, hein?

Hohn ri.

— Você não vai encontrar muitos carros ou estradas pavimentadas fora de Wickdon. Espero que saiba montar.

Ele não sabe. Os únicos cavalos que já viu eram bestas enormes e pesadas que puxavam carruagens cheias de gente rica pelo parque. Além disso,

ele tem certeza de que ter aulas de equitação lhe renderia uma surra caso alguém descobrisse. Garotos da Quinta Ala não *montam*.

Esse estágio já está testando-o e ainda nem começou.

*Sem queixas*, ele se lembra. A maldita culpa de acabar no meio do nada é dele mesmo. Totalmente. Parcialmente. Ligeiramente.

Nos últimos dois anos, Wes exauriu incontáveis professores de alquimia. Na primeira vez que foi expulso, sua mãe ficou indignada por ele. Na segunda, indignada *com* ele. Na terceira, silenciosamente consternada. E assim continuou em um ciclo de raiva e perplexidade até a semana passada. Quando ele lhe disse que estava partindo para Wickdon, ela o sentou à mesa de jantar e segurou suas mãos tão ternamente que ele levou um segundo para se lembrar de ficar aborrecido.

— Eu te amo, querido. Você sabe disso. Mas você já considerou que talvez não seja feito para ser um alquimista?

Claro que ele tinha considerado isso. O mundo está determinado a lembrá-lo de que um filho de imigrantes banvinianos nunca será um verdadeiro alquimista. Mas ele nunca havia considerado essa possibilidade tão seriamente quanto naquele momento, quando podia ver todos os novos fios grisalhos no cabelo de sua mãe.

Às vezes, ele pensa que seria mais fácil arrumar um emprego em um lugar qualquer, fazer qualquer coisa, para que sua família não sofra mais. Desde o acidente de seu pai, Wes tem visto sua mãe voltar para casa de seus turnos extras e mergulhar as mãos em cera de parafina quente todas as noites. Ele tem visto sua irmã mais nova, Edie, ficar mais magra; e sua irmã mais velha, Mad, ficar mais dura. Na maioria das noites, ele fica acordado, perguntando-se o que há de errado com ele: por que não consegue reter mais da metade do que lê? Por que parece não conseguir dar significado às palavras desconhecidas nas páginas? Por que nenhuma quantidade de talento natural ou paixão pode compensar suas “limitações” aos olhos de seus professores? Tudo isso o deixa doente de raiva, preocupação e autoaversão.

Wes sabe que possui alguma magia inata, um tipo de encantamento mais banal que a alquimia. Quando ele fala, as pessoas o ouvem. E, embora esse dom tenha lhe rendido todos os seus estágios, nada fez para ajudá-lo a mantê-los. Uma vez reprovado em um único exame escrito, ele pode ver a vindicação nos olhos de seus instrutores, como se eles estivessem esperando que suas suspeitas fossem confirmadas. Eles sempre dizem a mesma coisa: *eu deveria ter pensado melhor antes de apostar em você*. É óbvio o que eles querem dizer com esse “você”, mesmo que nunca realmente o digam em voz alta. *Banvinianos*.

Não há mais alquimistas com boas conexões na área metropolitana de Dunway em cujos estágios ele ainda não tenha reprovado — ou que não anunciem NÃO ACEITAMOS BANVINIANOS. Ninguém, exceto Evelyn Welty, que mora em uma cidade tão pequena que nem está no mapa.

O nervosismo e o balanço do carro fazem seu estômago revirar. Ele abaixa a janela e inclina o rosto para o vento. Acima, o céu se estende tão azul e amplo que ele pensa que poderia se afogar caso respirasse fundo demais. Na cidade, tudo é de um cinza maciço: a fumaça, o concreto, a ardósia plana da baía. Mas, aqui, a paisagem se transforma em um ritmo mais acelerado do que ele consegue acompanhar. Ao longo da costa, penhascos irregulares são cobertos por mantos de arbustos espinhosos e flores silvestres azuis. Mais adiante, árvores de folhas perenes se transformam em imponentes sequoias. Wes não consegue deixar de pensar que os galhos dos pinheiros virados para cima parecem dedos do meio.

Quando disse aos vizinhos para onde ia, ofereceram a ele o mesmo tipo de chavões. *Cidade pequena! Não há muita coisa acontecendo lá! Ou, Bem, pelo menos o ar estará limpo.* De todos os comentários bem-intencionados que ele recebeu, a promessa de ar puro é definitivamente a mentira maior. Não há poluição, claro, mas o ar tem gosto de sal — e, pior, com as centenas de focas descansando na areia, a cidade fede a algas marinhas queimadas pelo sol e a peixe podre.

Lá se vai o encanto provincial.

Ocorre-lhe que o vento pode arruinar seu cabelo, que ele cuidadosamente penteou para trás esta manhã, com a orientação paciente de suas irmãs. Ele fecha a janela novamente e verifica seu reflexo. Ainda intacto, misericordiosamente. Christine e Colleen praticamente o soldaram no lugar com Deus sabe quantas gotas de gel. Nada, nem mesmo um único fio de cabelo fora do lugar, pode arruinar sua chance de causar uma primeira impressão perfeita.

— Então, Hohn — diz Wes —, você vem para cá com frequência?

— Quando eu era mais jovem, sim. Eles têm a melhor caça à raposa do país. Na verdade, se o boato for verdadeiro, Wickdon vai sediar a caçada nas próximas semanas. Será a primeira vez que isso acontece desde que eu tinha a sua idade.

A maior parte do país vai à loucura por causa da caçada, como disse Hohn. Wes não se considera particularmente um devoto praticante da fé Sumítica, mas todo o conceito da Caçada Meia-lua é um pouco sacrílego, mesmo para sua moral um tanto quanto frouxa.

Na tradição Sumítica, diz-se que Deus esculpiu os demiurgos a partir de sua própria carne. Eles são sua divindade encarnada e, como tal, merecem tanto medo quanto respeito. Sua mãe enterra suas estátuas em vasos de plantas e monta amorosamente seus ídolos nas paredes. Às vezes, ela murmura uma oração para eles quando perde alguma coisa, ou lhes pede que falem bem dela para Deus, já que ele aparentemente está muito ocupado para ele próprio atender aos pedidos. Na melhor das hipóteses, os Katharistas chamariam esse tipo de reverência de idolatria e, na pior, de heresia. É o mesmo desprezo que os atrai aos bairros de imigrantes para atirar pedras nos vitrais das igrejas Sumíticas.

Wes não tem como saber o que Hohn pensa ou qual versão de Deus, se alguma, ele cultua. Ele não quer ser expulso do táxi ainda, então diz:

— É mesmo?

— Honestamente, não há muitas outras razões para vir aqui.

No espelho, Wes percebe o olhar avaliador de Hohn.

— Não quero te ofender, garoto, mas você não parece um caçador de raposas. O que te traz aqui?

— Não me ofendeu. Sou um alquimista. — Hohn faz um ruído apreciativo. — Aprendiz de Evelyn Welty, na verdade — acrescenta Wes.

É apenas uma mentira por omissão. Mestra Welty nunca respondeu à sua carta exatamente, mas ele sabe que ela é uma mulher ocupada. Cada estágio que conseguiu foi defendendo o seu caso pessoalmente. Mesmo aterrorizado com a possibilidade de que seu charme tenha se esvaído, ele acha que pode conseguir uma última vez.

— Evelyn Welty, hein? Boa sorte.

Pelo seu entendimento, ele vai precisar.

— Obrigado.

A essa altura, ele já ouviu todos os rumores. Nenhum de seus alunos consegue ficar mais de duas semanas. Fantasmas rondam os corredores da Mansão Welty à noite. Evelyn subsiste apenas por meio da fotossíntese. E assim por diante. Em sua experiência, todos os alquimistas são um pouco estranhos. Tecnicamente, qualquer um pode praticar a alquimia, mas é preciso um tipo obsessivo de pessoa para *querer* fazê-lo. Eles passam anos dissecando textos misteriosos e enchendo a cabeça com a composição química de milhares de objetos. Para desmontar algo, é preciso saber exatamente do que é feito. Ou talvez sejam os vapores sulfúricos que eventualmente enlouquecem todos eles.

De qualquer forma, não é nada com que ele não consiga lidar. Se tiver de ser, será uma guerra de desgaste. Wes nunca perdeu uma batalha de vontades.

Finalmente, eles chegam à civilização. Aninhada na curva de um vale, Wickdon é tão pitoresca quanto prometido. A luz dos postes enfeitados com joias ilumina os paralelepípedos, e chalés coloridos e fachadas de lojas se enfileiram a cada quarteirão. Vitrines adornadas com luzes brilham suavemente através da neblina, iluminando mostras tentadoras de produtos assados, mercadorias e mais taxidermia e munição do que um museu de guerra. O que mais o impressiona é a completa falta de laboratórios de alquimia. Em Dunway, pode-se encontrar pelo menos dois por quarteirão: joalheiros vendendo anéis encantados, restaurantes que servem comida que promete uma variedade de efeitos psicológicos, oficinas repletas de metalúrgicos que produzem o aço forte e leve que torna as forças armadas de Nova Albion tão formidáveis.

À medida que o carro ronca pelo centro da cidade, as pessoas abrem suas portas da frente e puxam suas cortinas para vê-lo passar. Uma bela jovem que varre a rua em frente à sua loja encontra os olhos dele. Por reflexo, ele abre um sorriso largo e fácil. Ela dá as costas a ele como se não o visse. Wes pressiona o rosto tristemente no vidro, que arde com um frio tão amargo quanto a rejeição. Isso o incomoda mais do que ele gostaria de admitir. Em casa, as pessoas o conhecem. Elas gostam dele. *Todo mundo* gosta dele.

Pelo menos antes dessa série de fracassos.

Embora ele continue na expectativa de parar em uma das charmosas casas pintadas de cores vivas ao longo do caminho, eles continuam descendo a rua principal, em direção à periferia da cidade. A luz quente das lâmpadas se torna mais escassa, e as rodas balançam bruscamente quando o carro chacoalha em uma estrada de terra. Wes olha pela janela traseira, onde Wickdon brilha através do escapamento.

— Para onde estamos indo?

— Para a Mansão Welty. Evelyn mora um pouco fora do caminho.

Eles seguem a estrada tortuosa para as montanhas, o motor gemendo em protesto enquanto ascendem. Wes reúne coragem para olhar a cidade ao longe e a infinita extensão do oceano além dela. A água escureceu para um cinza-férreo, raiada com a luz do sol da cor de ferrugem. As sequoias logo obscurecem a vista, e, depois de dirigir alguns quilômetros nauseantemente sinuosos na sombra das imponentes árvores, o carro estaciona em frente a uma solitária casa de tijolos vermelhos.

Grossas camadas de hera sobem pela lateral, e ervas-daninhas floridas derramam-se dos canteiros como cerveja transbordando de uma torneira. O portão decadente de madeira pende nas dobradiças, mais um pedido de ajuda do que uma saudação. A Mansão Welty parece o tipo de lugar onde as pessoas não deveriam viver — o tipo de lugar que a natureza claramente quer de volta.

Wes desce do táxi e espia a lâmpada acesa na janela do segundo andar. Está muito mais frio do que quando ele deixou Dunway esta manhã — frio demais para ser natural, mesmo com a brisa marítima e a altitude. E tudo está silencioso demais, quieto demais. Ele já sente falta do barulho de Dunway. O zumbido constante do tráfego e o som suave dos passos de seus vizinhos de cima. Sua mãe na cozinha e suas irmãs brigando no quarto. Aqui, o único som é o crocitar distante de algum pássaro que ele não consegue nomear.

Antes que ele se deixe desanimar demais com sua nova casa, Wes ajuda Hohn a descarregar suas coisas do porta-malas. Todas as suas posses mundanas cabem em três malas gastas e uma bolsa de alça corroída.

— Precisa de ajuda para entrar? — pergunta Hohn.

— Ah, não. Não se incomode. Eu ficarei bem sozinho.

Hohn dirige um olhar cético a ele, então pega um cartão do bolso de sua vestimenta e o entrega. O nome e o número de telefone de Hohn estão impressos na frente com tinta desbotada, como se estivesse em sua jaqueta há anos.

— Se precisar de uma carona novamente...

— Eu sei para quem ligar. Obrigado, senhor.

Hohn lhe dá um tapinha e um aperto no ombro. É tão paternal que Wes precisa engolir uma súbita pontada de dor.

— Muito bem, então. Boa sorte.

Com um gesto em seu chapéu, Hohn volta para o táxi e dirige para fora da garagem. A escuridão desliza, preenchendo o espaço vazio deixado pelos faróis, e, quando ela o envolve, Wes sente como se estivesse sendo observado. Seu olhar se dirige ansiosamente para a janela do andar de cima, onde uma silhueta fantasmagórica tremula no que parece ser a luz de uma lareira.

*Recomponha-se, Winters.*

Ele sobe as decrépitas escadas da varanda até ficar cara a cara com a porta vermelha da frente. Ele nunca esteve tão nervoso em toda a sua vida — mas nunca teve tanto a perder. Por precaução, alisa o cabelo para trás e sorri para seu reflexo na janela até que a feição suada de desespero desapareça de

seu rosto. Tudo está em seu devido lugar. Ele ensaiou seu discurso mil vezes. Está pronto. Ele estufa o peito, bate na porta e espera.

E espera.

E *espera*.

O vento sopra pela varanda e atravessa seu casaco surrado como se não fosse nada. Está um frio do caramba aqui fora; e, quanto mais tempo ele fica aqui, tremendo, mais se convence de que há algo à espreita na linha das árvores. A maneira como as folhas mortas chacoalham no pátio soa demasiadamente como um sussurro para seu gosto. Ele ouve seu nome como um sibilo, de novo e de novo.

*Weston, Weston, Weston.*

— Por favor, abra a porta — murmura ele. — Por favor, por favor, por favor.

Mas ninguém está vindo. Talvez Evelyn não esteja em casa. Não, isso não pode estar certo. A luz do andar de cima está acesa. Talvez ela não o tenha ouvido. Sim, deve ser isso. Ela não o ouviu.

Ele bate de novo, e de novo, cada segundo dura uma eternidade. E se ela nunca abrir a porta? E se ela se mudou? E se estiver morta, apodrecendo ao lado daquela monótona lâmpada acesa? Ele estava tão obstinadamente determinado que a ideia do fracasso nunca lhe ocorreu. Esse esquema sempre foi uma aposta — uma que ele agora percebe que pode deixá-lo ilhado e sozinho. O pensamento é tão perturbador, tão humilhante, que ele bate com mais urgência na porta. Desta vez, ele ouve passos na escada.

*Finalmente.*

A porta se abre, e sua respiração o abandona em um instante. Há uma garota parada na soleira. À luz fraca da varanda, ela parece algo saído de um poema que ele leu na escola antes de desistir — ou como algo saído de uma das histórias de sua mãe. À medida que os olhos dele se ajustam, o rosto dela se torna claro, piscada após piscada. Seu cabelo, solto e dourado. Sua pele, branca como creme. Wes se prepara para a inevitável dor do amor.

Mas nada vem. Olhando mais de perto, a garota é muito menos bonita e muito mais severa do que o esperado. Para não mencionar uma notável falta de senso de moda, com seu cabelo comprido e suas roupas maiores ainda, se acreditarmos nos catálogos de suas irmãs. Ela o encara com lábios finos e contraídos e pálpebras pesadas, como se ele fosse a coisa mais repugnante e desinteressante que algum dia já rastejou para dentro dos limites de sua propriedade.

— Posso ajudá-lo? — Sua voz é tão monótona e fria quanto seu olhar.

— Você é... você é Evelyn Welty?

— Não. — A palavra paira, humilhante, entre eles.

Claro que ela não é Evelyn Welty. Ela nem ao menos parece mais velha do que ele. Ele continua:

— Ela está em casa? Meu nome é Weston Winters e...

— Eu sei para que você está aqui, Sr. Winters. — A julgar pelo seu tom, ela deve supor que ele está aqui para vender óleo de cobra. — Minha mãe está fora, em uma viagem de pesquisa. Lamento que tenha desperdiçado seu tempo.

É tão definitivo, tão desolador, que ele ainda está atordoado quando ela começa a fechar a porta.

— Espere!

Ela deixa a porta entreaberta apenas poucos centímetros, e, mesmo daqui, ele consegue ver a tensão se acumulando em seus ombros. Ele ainda não superou o pânico, mas pode fazer dar certo. Embora a ausência de Evelyn seja um contratempo não previsto, ele pode encontrar alguma maneira de resolver esse revés assim que estiver abrigado. Sua última chance de conseguir um estágio está nas mãos da filha dela, e, pelo que parece, ela não se importa nem um pouco com o que ele quer ou com o que lhe acontece. Ela não lhe dá nada a partir do qual trabalhar. Nenhum sorriso, nenhuma gentileza. Apenas o encara fixamente com olhos cor de uísque. Eles arrancam cada pensamento coerente de sua mente.

— Então — ele se agarra a qualquer oportunidade de mantê-la falando —, para que *você* acha que eu estou aqui?

— Você está aqui para pedir um estágio.

— Bem, hum... sim, realmente. Eu escrevi para ela há algumas semanas, mas ela nunca me respondeu.

— Então talvez você deva aprender a ler nas entrelinhas.

— Se você apenas me deixar explicar...

— Eu já entendo a situação. Você acha que é merecedor o suficiente para que sua própria falta de planejamento não seja uma barreira para que consiga o que quer.

— Não é isso...! — Wes respira fundo. Nada de bom resultará de perder a compostura. — Acho que dei a você uma impressão totalmente errada. Deixe-me recomeçar. — Ela não diz nada, mas não se move, o que ele decide tomar como um incentivo. — Eu quero me tornar senador. — Ele faz uma pausa, tentando avaliar sua reação. No entanto, ela está desconcertantemente estoica. — Minha melhor chance de conseguir é por meio de um estágio. Minha família não tem dinheiro, e eu tive que abandonar a escola, então